

O mundo diante do “Dia O”

The World before the ‘Day O’

JOSÉ FLÁVIO SOMBRA SARAIVA*

Meridiano 47 n. 102, jan. 2009 [p. 22 a 23]

O “Dia D” foi marca da inserção altaneira dos Estados Unidos no mundo que nasceu dos escombros da Segunda Guerra Mundial. O desembarque das tropas aliadas na Normandia, em 6 de junho de 1944, associaria o “D” do presidente Delano Roosevelt ao “D” do general Dwight Eisenhower. Comandante da maior ofensiva militar do século XX, Dwight credenciou-se para as páginas da história ao não ter titubeado, em dia da decisão fundamental, apesar do frio e das névoas do Canal da Mancha.

Nascia, nos gestos e nas decisões incisivas, um novo mundo. Paris seria libertada. Chegaria ao fim o regime de Hitler. Os Estados Unidos habilitaram-se como o smart (inteligente) e o hard power (poder da força bruta). Adocicaram a Europa com o Plano Marshall e associaram sua imagem à noção de garante da ordem do mundo ocidental. Ampliaram as margens de poder ideológico e estratégico no imediato pós-Guerra Fria.

Fracassaram, no entanto, no dia seguinte. Veio o “Dia B” com um Bush irracional no 11 de setembro de 2001. Oito anos se passaram e os Estados Unidos, que já não vinham muito bem no manejo de sua economia interna e no seu smart power, inventaram um novo Vietnã e armaram uma das maiores crises do capitalismo em toda sua história. De poupadores passaram a perdulários. O mundo todo paga a conta.

O dia 20 de janeiro de 2009 é o “Dia O”. A posse de Obama é fato celebrado como “O”K em todo o mundo. Há quase um trator ideológico a apresentá-lo como o gestor de um novo “Dia D”, assemelhado simbolicamente ao ano de 1944. Desejaria ser

otimista no que tange às relações internacionais dos Estados Unidos após o “Dia O”, mas lamento sugerir a necessidade de contenção da esperança e a urgência de racionalidade elementar para enxergar os fatores que impedem atos de coragem objetiva do novo ocupante da Casa Branca.

O primeiro gesto de coragem que deveria realizar o dono do “Dia O”, para estar à altura de Delano e Dwight, seria impor disciplina na política externa do seu país e dispensar o discurso da nova secretária de Estado Hilary Clinton, sua subordinada, no tema cubano. O que interessa na política externa de Obama para Cuba é o fim imediato do embargo a Cuba.

Impressionante e arrogante o discurso velho desses dias da nova secretária de Estado quando afirmou ser missão do novo presidente “levar a democracia à ilha de Cuba” e que o canal seriam os cubano-americanos, “embaixadores” naturais para a causa. É inacreditável que não tenham pedido a assessores mais equilibrados a preparação de semelhante peça discursiva. Será que crê Obama que serão os amigos cubano-americanos de Bush da Flórida que irão conduzir Cuba à modernidade democrática? Ou ele enquadra sua subordinada ou demonstra estar equivocado na matéria. Com esse discurso para a ilha dos Castro a política já começa fracassada.

O segundo gesto do novo presidente deve ser com relação a Guantánamo. Base norte-americana de tortura e local conhecido de todo o mundo como centro de práticas e atos contra os direitos humanos, a iniciativa do “Dia O” não pode circunscrever-se ao fechamento da base. O que interessa não é a base

* Professor titular de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – UnB, diretor-geral do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (fsaraiva@unb.br).

física das salas de torturas, já reconhecidas pela própria justiça norte-americana, mas a exposição de motivos das razões (se há alguma nesses casos) das torturas junto aos tribunais internacionais.

O terceiro gesto, o mais verdadeiro e corajoso nos dias turbulentos que vivemos, a confirmar que o novo presidente tem uma visão diferenciada do seu antecessor, seria sua clara decisão em favor da criação do Estado palestino. O mundo celebraria a inauguração de uma nova política do mais importante ator político internacional no Oriente Médio que são os Estados Unidos. Criaria sinergia inédita e interlocução com as forças mais modernas e humanistas de Israel, dos países árabes e do islamismo moderado. Abrir-se-ia uma nova fase das relações internacionais do Ocidente com parte do Oriente insurreto e contestador dos modelos impostos pela parte menos nobre da boa tradição da democracia de mercado e do pensar liberal.

Esses três gestos habilitariam o mundo a reconhecer, por meio de fatos, e não na forma de velhos discursos e disfarces, as boas intenções do novo governante da Casa Branca. Ao avançar essas posições, do seu tempo, seria possível dizer que Obama poderia estar à altura de Lincoln, Roosevelt e

Eisenhower. E celebraríamos todos os habitantes do mundo o "Dia O".

Recebido em 15/01/2009
Aprovado em 20/01/2009

Palavras chaves: Estados Unidos, política externa, Barack Obama

Key words: United States, Foreign Policy; Barack Obama

Resumo: o artigo trata de comparar a política externa norte-americana do período do Presidente Franklin Roosevelt com a do Presidente Barack Obama. Nesse sentido, a política externa de Obama deveria ater-se a Cuba, ao fechamento do presídio de Guantánamo e à criação do Estado da Palestina.

Abstract: the article compares the North American foreign policy in the period of President Franklin Roosevelt with that of President Barack Obama. The foreign policy of Mr. Obama should focus on Cuba, on the closing of Guantanamo Bay and on the establishment of a Palestine State.

